

Dulce Critelli

Paulo e Eliane

Conheci Paulo e Eliane pela TV. Vítimas da poliomielite, moram no Hospital das Clínicas desde que tinham cerca de dois anos —Paulo desde 1969 e Eliane, de 1975. Médicos e funcionários são a família que amalharam nesses anos todos.

Ela movimentava só a cabeça. Ele, braços e mãos, com dificuldade. Nem seus pulmões trabalhavam sozinhos.

Ambos são doces e alegres. Há tristeza por suas condições, mas não há neles lástima, raiva, inconformismo ou vitimação. Estão de bem com a vida, que lhes deu tão pouco. São cheios de sonhos e de projetos. Paulo é webdesigner. Eliane pinta com a boca e seus quadros são expostos pelo mundo.

Difícil não nos sentirmos diminuídos diante de tanta capacidade de vida e de empenho. Nós, que deixamos de fazer em nome de limites passageiros: dinheiro insuficiente, preguiça, indisposição, tédio, um vício...

Ouçó tantos jovens repetem que não sabem o que querem e outros que reclamam de ter que fazer alguma coisa, mesmo que seja estudar. Muitos recusam trabalho, experiências e atividades porque dá trabalho ou porque não têm ga-

rantias de um sucesso espetacular ou porque não vão ganhar tanto quanto gostariam.

Mas a frase que mais ouço para justificar o pouco fazer, e não apenas dos jovens, é: “Só faço o que me dá prazer”.

É certo que a vida na sociedade contemporânea, cuja mola mestra é o consumo, elege e alardeia o prazer como único índice de felicidade, de realização e de liberdade. Mas o prazer a que a sociedade se refere restringe-se à mera saciedade. Satisfazer desejos (fácil e rapidamente, com a compra de algum produto), que logo serão substituídos por outros, é a meta.

Não é fazer o que dá prazer que garante a integridade pessoal nem a autonomia. Muito menos a liberdade. O prazer passa logo, como também os desejos variados e superficiais que sentimos. Muitas vezes, o prazer sentido está ligado só a aspirações sem raízes, a interesses vagabundos.

A vida abastecida facilmente deixa a gente mole, inerte. Somos, hoje, pessoas cheias de caprichos, mas com a vontade enfraquecida. Pessoas sem poder.

Uma vida feliz é uma vida em que empenhamos tempo, esforço, habilidades e talentos para a concretização de algo,

nem sempre do que mais cobicávamos ou dos nossos sonhos. Por vezes, trata-se de fazer o que é possível ou necessário.

É a realização de coisas e de projetos que nos faz sentir inteiros, capazes, poderosos. O sentimento de autorrealização não vem dos desejos atendidos, mas das obras acabadas —e das que temos em andamento.

Quando ficamos à espera do que cremos que nos dará prazer, o comum é atolarmos numa paralisia. Se insistimos nessa expectativa, perdemos a capacidade de identificarmos, de fato, o que queremos e mergulhamos num tédio sem saída.

Felicidade, autonomia, integridade só vêm como resultado de nossas ações. E só nos sentimos livres quando superamos nossas limitações. Paulo e Eliane que o digam.

DULCE CRITELLI, terapeuta existencial e professora de filosofia da PUC-SP, é autora de “Educação e Dominação Cultural” e “Análise de Sentido” e coordenadora do Existência - Centro de Orientação e Estudos da Condição Humana

dulcecritelli@existencia.com.br